

EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

RK 50

W.

Francisca Julia da Silva

ESPHINGES

(*VERSOS*)

Com um prefacio de
JOÃO RIBEIRO

Primeiro milheiro*

EDITORES
Bentley Junior & Comp.

Esphinges

Tiraram-se d' esta edição :

5 exemplares em papel Wathman
100 exemplares em papel de arroz.

Paulo César da Silva

A meu irmão

PULIO CESAR DA SILVA

PREFACIO DOS EDITORES

Ao apresentarmos esta excellente collecção de versos á admiração dos artistas e á apreciação do publico, não podemos deixar de fazer uma pequena observação ao leitor curioso que, por acaso, já tenha lido os *Marmores*, primeiro livro de versos desta Autora, editado em 1895, e, desde então, inteiramente exgottado.

A edição dos *Marmores* foi, consoante estamos informados, diminuta e não satisfez, pelo pequeno numero de exemplares que foram expostos á venda, á curiosidade dos que desejavam conhecer, attrahidos pelos applausos da critica e pelos encomios da imprensa, os versos de D. Francisca Julia da Silva cuja reputação litteraria estava solidamente consagrada. Exgottados em poucos mezes os *Marmores*, que, diga-se de passagem, fica-

ram quase que exclusivamente na mão dos artistas e litteratos, o publico nada conheceria hoje dessa collecção de pequenas obras-primas se não fossem algumas transcripções que della as folhas diarias e revistas d'arte graciosamente fizeram.

Eis o motivo por que puzemos a hombros a tarefa de dar publicidade ao presente livro, no qual o leitor encontrará muitos dos trabalhos que fazem parte da primitiva collecção, conservando, por nossa propria conta, o prefacio do preclaro escriptor sr. João Ribeiro, e reservando-nos para, mais tarde, editar outros trabalhos ineditos da Autora, que temos já em mãos.

S. Paulo, 1903.

Os Editores

Prologo

Nunca pensei eu que me coubesse algum dia, tarefa tão difficil e tão ditosa ao mesmo tempo, qual a de prefaciar um livro como o da excelsa poetisa paulista cujo nome heje é conhecido de todos os que se dedicam ao culto da litteratura neste paiz.

Uma injusta apreciação, concluida, e mal concluida, da minha attitude critica contra uma escriptora de talento, havia-me perfidamente creado a pequenina fama (de resto, indigna de mim) de homem selvagem que só via nas mulheres as aptidões inferiores das cozinheiras. E como o homem é de fogo para a mentira, no dizer do fabulista, fui logo definitivamente julgado e condemnado.

Ha em tudo isto uma grave injustiça.

Vivendo nessa patria que se orgulha dos nomes gloriosos de Narcisa Amalia, Adelina Vieira,

Julia Lopes d'Almeida, Zalina Rolim e Julia Cortines, eu sentia com ella esse mesmo nobre orgulho, e ninguem de boa-fé poderia acatar essa dura malevolencia contra as minhas verdadeiras opiniões.

Por isso é que a occasião de apresentar o nome da auctora dos MARMORES me depara hoje um ensejo feliz de rehabilitação no conceito dos mais opiniaticos.

A tarefa que hoje desempenho, não sem o sobresalto da minha humilde condição, e mesmo sem possuir a auctoridade necessaria para realçar o merito obscuro ainda e para recommendar o livro que tenho em mãos, justifica-se igualmente por boas e excellentes razões que não me é licito, um momento só, occultar. Não só os MARMORES por si sós dispensam qualquer elogio antecipado ao do publico, mas quase todos elles

já não carecem de favor; foram carinhosamente esculpidos, finamente cinzelados, para a galeria artistica da SEMANA, e ahí foram consagrados definitivamente pelo applauso de Araripe Junior, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Xavier da Silveira, Silva Ramos, Fontoura Xavier, Escragnolle Doria, Max Fleiuss, Luiz Rosa, Americo Moreira e eu. Deste modo, já não teria receio dos exaggeros da minha opinião individual; acha-se ella firmada pela collaboração de illustres confrades cujo criterio se eleva acima de toda a suspeita.

O nome da poetisa era acclamado; as suas producções, em manuscripto ainda quente das emoções do seu estro, crearam em torno de nós, como um vidro de perfume ao quebrar-se, uma atmospherá deliciosa de Arte e de Sentimento. E d'essa invisivel redoma, de onde uma nova al-

chimia tirava novos mundos, renasciam as paisagens pagãs, com os seus lacteos rios elevando murmurios ás frondes que os passavam ao céu azul, nessa ascensão de prece pantheista da terra profunda ao céu alto e luminoso.

E todos nós inquiriamos se era verdadeiramente de mulher aquelle coração enérgico e possante, capaz de propellir o sangue de um milhão de arterias.

Foi, pois, principalmente nas paginas da SEMANA que a reputação de Francisca Julia se tornou duravel, solida e indestructivel.

E quando ella vinha todos os sabbados, com o fulgor e a pontualidade de um planeta, era logo cercada da admiração e do antigo applauso com que todos nós a recebiamos. A sua poesia enérgica, vibrante, trazia a vehemencia de sonoridades extranhas, nunca ouvidas, uma música nova.

de que as *cytharas banaes* do nosso *Olympo* nos haviam desacostumado.

A banalidade vulgar e desolante do commum das poesias escriptas outr'ora por mulheres; esses versos minados de tuberculose, de voz rouca e doentia, quase esprimidos com o ultimo alento vital, habituaram-nos a registrar cada estréa feminina sempre com a mesma velha sigã: — Está conforme. Era como se dissessemos: Póde baixar á enfermaria.

Mas d'essa languidez antipathica e irracional, nasceu, como devia nascer, a reacção.

Ainda ultimamente, o livro de Julia Cortines foi mais um clamor de energia contra essa tísica endemica do Parnaso.

Pois que! essas boas senhoras e essas *gentis* meninas, rubicundas e gordas, bonitas e risonhas, espirituosas todas e algumas até glotonas, andavam

a chorar pelos cantos da casa e a morrer em cada verso?

Francisca Julia tem pouco mais de vinte annos de idade. Sente-se a custo, ás vezes, nas suas producções, a ternura dos verdes annos que só a adolescencia é capaz de suggerir e realisar, porque a frieza classica dos seus versos é absoluta. Sabemos que aos 14 annos escrevia já os primeiros versos. Estreou no Estado de São Paulo, e collaborou em outras varias folhas, no Correio Paulistano, no Diario Popular, no Album, e finalmente, na SEMANA de onde irradiou seu nome para todos os angulos do paiz.

Eis o que sei da sua curta biographia. Talvez, um dia, num livro que será extremamente curioso e suggestivo, ella nos conte a sua historia intima com aquella deliciosa linguagem, pura e desataviada de ornatos, que transpira das suas cartas.

O character preponderante da sua poesia é, talvez, o amor da belleza classica, tal qual a idealizaram os hellenos de Pericles — o sentimento abstracto e profundo do numero, do rythmo e da harmonia. Em uma palavra: — mais extase do que paixão. Bastaria, para proval-o, esse soneto dos Argonautas que parece um baixo relevo de marmore, tal a fria correcção do desenho, soneto que é, de certo, um dos mais bellos e mais bem acabados entre os da nossa lingua.

Os argonautas

Mas fóra, eil-os que vão, cheios de ardór insano.
Os astros e o luar — amigas sentinellas,
Lançam bençams de cima ás largas caravêlas
Que rasgam fôrtemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infindos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa, em coleras, ufano,
Faz palpitár o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirificas bellezas ;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas,
Como essas náos, que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,
A aurea bençam dos céos e a protecção dos astros...

*Na Musa impassivel ha identica perfeição de
sonoridade ; sôa-nos ao ouvido a complicação or-
chestral de um poema symphonico ; todos os ru-
mores são harmoniosos ; e o pensamento já não
é expresso pela vulgaridade da articulação e do*

*vocabulo, mas escôa e brota da musica complexa,
da fôrma mesma dos versos.*

Dá-me o hemistichio de ouro.....

Versos que lembrem, com seus barbaros ruidos,
Ora o aspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmores partidos..

*Outras vezes, na soidão da floresta, é ainda
uma sonoridade selvagem que desperta e impres-
siona o estro da poetisa e ella tradul-a nesse
verso esguio e fremente:*

“Entre as folhas sibila a estridula cigarra”

*Se eu tivesse de fazer uma analyse psycholo-
gica, (de cujo horror os leitores se livrariam a*

tempo) diria que a sensação predominante na compleição *physica* e *intellectual* de Francisca Julia é a sensação auditiva; ella sabe tirar dos ruidos cahoticos e irregulares da natureza as vibrações *isochronas* e *musicæ*, e dá-lhes um relevo *distinctivo*, como um artista sabe, com o pincel, desdenhando o detalhe, distinguir as manchas do colorido geral da paizagem.

Um subsidio para essa *affirmativa* *psychologica*, bem póde ser a *myopia* da gentil poetisa. A deficiência da vista, procurou equilibrio no ouvido, com a vantagem *innegavel* de que a *myopia* natural, quando não é excessiva, é um bom elemento de educação da percepção visual na arte, por isso que facilita a visão das massas e *supprime* o *incommodo* das minucias.

E querem avaliar os leitores como essa gentil creança sabe ver a natureza?

Ponham deante dos olhos esse trecho de paisagem africana em dia de calma :

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquillos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se á tona d'agua,
Em compacto apertão, os velhos crocodillos...

Na mema poesia (Sonho africano) que é toda um primor de arte, encontra-se esta imagem digna de um pincel impressionista :

Eil-o em sua choupana. A lampada, suspensa
Ao tecto, oscilla ; a um canto, um velho e hervado fimbo.
Entrando, porta dentro, o sol forma-lhe um nimbo
Cor de cinabrio em torno á carapinha densa.

Na poesia De joelhos, que é uma tentativa de versos symbolicos, mysticos, ou decadistas, —

a auctora tira todos os effeitos admiraveis de luz, de som e de movimento. Toda a luz do quadro só permite ver a monja, e d'ella, a principio, os olhos altos, presos ao tecto, e depois os braços e o rosto branco; percebe-se o murmurio sonoro da reza cochichada, continua...

Reza de manso... Toda de roxo,
 A vista no tecto presa,
 Como que imita a tristeza
 Daquelle cirio tremulo e frouxo.

E os dous aspectos artisticos, de luz e som, o do murmurio e o da imagem branca da monja, vão-se alternando nas estrofes:

Psalmos doridos, cantos aereos,
 Melodiosos gorgeios,

Roçam-lhe os ouvidos, cheios
De mysticismos e de mysterios.

Quanta tristeza, quanto desgosto
Mostra n' alma aberta e franca,
Quando fica branca, branca,
As mãos erguidas, pallido o rosto...

Parece estar no Outro-Mundo.
De outros mysterios e de outras vidas.

*Não tenho hoje hesitação alguma, quaesquer
que sejam as consequencias do asserto, em affir-
mar que depois da geração que costumamos sym-
bolizar nos nomes de Raymundo Corrêa, Olavo*

Bilac e Alberto de Oliveira, tenha apparecido um poeta que se avanteje, ou, sequer, eguale á auctora dos MARMORES. Nem aqui, nem no sul, nem no norte onde agora floresce uma escola litteraria (A Padaria, espiritual do Ceará) encontro um nome que se possa oppor ao de Francisca Julia.

Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e factura do verso, nenhum possui em tal gráu o talento de reproduzir as bellezas classicas com essa fria severidade de forma e de epithetos de que Heredia e Leconte deram o exemplo na litteratura franceza; nenhum jamais d'entre os mysticos e nephelibatás de Lisboa ou do Rio de Janeiro, se elevou a essa região serena do mysticismo que a poesia De joelhos nos revela com tão extraordinaria emoção.

Como traductora, Francisca Julia tem, egualmente, qualidades apreciaveis.

Contribuiu ella com alguns formosos numeros para a traducção brazileira do Intermezzo de Heine, publicada pela SEMANA.

Por esse tempo, um critico allemão publicou no TAGBLATT (1) uma extensa apreciação sobre a traducção brazileira. Era natural que ao sr. Emilio Strauss fossem estranhas as harmonias do nosso idioma; por isso o critico foi desapiedado para com poetas da estatura de Raymundo Corrêa e de Luiz Delfino, ao passo que elevou ás nuvens poetas estimaveis mas de menos folego. O critico apenas deixa-se levar pelo criterio da traducção litteral rigorosa, o que muitas vezes con-

(1) Folhetins do *Tagblatt* de S. Paulo, sob o titulo *Eine brasilianische Heine-Mebersetzung*, entre 23 de junho e 3 de julho de 1894.

duz aos maiores absurdos; na poesias, não só o vocabulo, mas a melodia e o rythmo são elementos eguaes de expressão, e esses ultimos elementos são tanto mais intensos quanto cresce a distancia entre a civilisação e a lingua do poeta original e a. do poeta que traduz.

Analysando, com seu estreito criterio, Emilio Strauss não pode comprehender o merito das traducções de Francisca Julia.

Que a nossa poetisa póde traduzir mesmo literalmente e com o maior rigor de fidelidade as bellezas da poesia alleman, é verdade que ninguem poderia com decencia encobrir.

No presente volume os leitores encontrarão um lied de Goethe—Calma do mar—(Meeres Stille) que póde ser cotejado com o original allemão.

Os dous ultimos versos

In der ungeheuern Weite
Reget keine Welle sich

são traduzidos com rigor litteral:

Em todo o vasto mar, em parte alguma,
A mais pequenã vaga se levanta.

Entretanto, não seria de todo inutil apontar á gentil poetisa os perigos e as desvantagens da paraphrase, quando se póde traduzir com a fidelidade e a elegancia que transpiram nos dous versos acima transcriptos.

Vou concluir.

Aos que vão começar a deliciosa leitura dos MARMORES, peço perdão desta palestra impor-

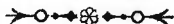
tuna, inculta e barbara, sem atavios de estylo, e, todavia, sem a singeleza que reclamaria o portico desse templo sumptuoso. A Machado de Assis ou a Raul Pompeia caberia essa architectura preliminar.

Mas tambem o contraste é excellente recurso para effeitos necessarios.

Sirva isso de prologo e de contraste á grandiosa belleza dos MARMORES.

Rio, 1 de janeiro de 1895.

JOÃO RIBEIRO.



I

DANÇA DE CENTAURAS

A Coelho Netto.

Patas dianteiras no ar, boccas livres dos freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
Eil-as, garbosas vêm, na evolução das danças
Rudes, pompeando á luz a brancura dos seios.

A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças ;
Mil centauras a rir, em luctas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar, o cabelo solto ao léo das auras mansas.

Empallidece o luar, a noite cae, madrugada...
A dança híppica pára e logo atrôa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga :

É que, longe, ao clarão do luar que empallidece,
Enorme, acceso o olhar, bravo, do heroico braço
Pendente a clava argiva, Hercules apparece...

II

AMPHITRITE

Louco, ás doudas, roncando, em látegos, ufano,
O vento o seu furor colerico passeia ...
Enruga e torce o manto á prateada areia
Da praia, zune no ar, encarapela o oceano.

A seus uivos, o mar chora o seu pranto insano,
Grita, ulula, revolto, e o largo dorso arqueia ;
Perdida ao longe, como um passaro que aneia,
Alva e esguia, uma não avança a todo o panno.

Socega o vento ; cala o oceano a sua magua ;
Surge, esplendida e vem, envolta em aurea bruma,
Amphitrite ; e, a sorrir, nadando á tona d' agua,

Lá vae ... mostrando á luz suas fórmas redondas,
Sua clara nudez salpicada de espuma,
Deslizando no glauco amiculo das ondas.

III

PROFISSÃO DE FÉ

*Os superbum conticescat,
Simplex fides acquiescat
Dei magisterio.*

Ouço e vejo o teu nome em tudo : ou nos reólhos
Do yento, ou no fulgor das estrellas, radiante ;
Tudo é cheio, Senhor, desse perdão constante
Que sae da tua bocca ou desce dos tevs olhos...

Tu és sempre o mysterio, a luz que tenho deante
Do olhar, quando te imploro a graça de geolhos ;
És a noite, o luar que bate nos escólhos,
Illuminando o bom caminho ao navegante.

Ante o perigo não vacillo: acho-me calma;
Porque te amo, Senhor, com essa fé singela,
Mas forte e intensa, que me vem de dentro d' alma.

Para marcar o máo caminho ha sempre indicios;
Não ha sombra que esconda a escura e hiante guela
Dos teus antros sem fundo e dos teus precipicios.

IV

ADAMAH

A Julia Lopes d'Almeida

Homem, sabio producto, epitome fecundo
Do supremo saber, fôrma recém-nascida,
Pelos mandos do céo, divinos, impellida,
Para povoar a terra e dominar o mundo ;

Homem, filho de Deus, imagem foragida,
Homem, ser innocente, incauto e vagabundo,
Da terrena substancia, em que nasceu, oriundo,
Para ser o primeiro a conhecer a vida ;

Em teu primeiro dia, olhando a vida em cada
Sêr, seguindo com o olhar as barulhentas levas
De passaros saudando a primeira alvorada,

Que ingenuo medo o teu, quando ao céu calmo elevas
O ingenuo olhar, e vês a terra mergulhada
No primeiro silencio e nas primeiras trevas...

OS ARGONAUTAS

Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano;
Os astros e o luar — amigas sentinellas —
Lançam bençams de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infundos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa, em coleras, ufano,
Faz palpar o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirificas bellezas;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas
Como essas náos que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,
A aurea bençã dos céos e a protecção dos astros...

VI

EGYPTO

No ar pesado, nenhum rumor, o menor grito ;
Nem no chão calvo e secco o mais pequeno adorno ;
Um velho ibe somente arranca um raro piorno
Que cresce pelos vãos das lageas de granito.

A aura branda, que vem do deserto infinito,
Arripia, ao de leve, a agua do Nilo, em torno.
Corre o Nilo, a gemer, sob um calor de forno
Que, em ondas, desce do alto, e invade todo o Egypto.

Destacando na luz, agora, o vulto absorto
De um adelo que passa, em caminho da feira,
Dá mais um tom de magua ao vasto quadro morto.

Bate na areia o sol. E, num sonho tranquillo,
Pompeia, ao largo, a alvura uma barca veleira,
A tremer, a tremer, sobre as aguas do Nilo.

VII

CEGA!

Tropega, os braços nus, a fronte pensa, varias
Veze, quando no céu o louro sol desponta,
Vejo-a, no seu andar de somnambula tonta,
Despertando a mudez das viellas solitarias.

Arrimada ao bordão, lá vae... Imaginarias
Cousas pensa... Verões e invernos máos affronta...
Dores que tem soffrido a todo o mundo conta
Na linguagem senil das suas velhas arias.

Cega! que negra mão, entre os negros escolhos
Do cahos, foi procurar a treva, que ennegrece,
Para cegar-te a vista e escurecer-te os olhos?

Cega! quanta poesia existe, amargurada,
Nesses olhos que estão sempre abertos e nesse
Olhar, que se abre para o céu, e não vê nada!...

VIII

CREPUSCULO

A Maria Clara da Cunha Santos

Todas as cousas têm o aspecto vago e mudo,
Como se as envolvesse uma bruma de incenso ;
No alto, uma nuvem, só, num nastro largo e extenso,
Precinta do céo calmo a cariz de velludo.

Tudo : o campo, a montanha, a rocha de alto agudo,
Se esfuma numa suave agua-tincta . . . e, suspenso,
Espalhando-se no ar, como um nevoeiro denso,
Um tom neutro de cinza empoeirando tudo.

Nest' hora, muita vez, sinto um molle cansaço,
Como que o ar me falta e a força se me esgota...
Som de Angelus, moroso, a rolar pelo espaço ...

Neste lethargo que, pouco a pouco, me invade,
Avulta e cresce dentro em mim essa remota
Sombra da minha Dor e da minha Saudade...

IX

A ONDINA

Rente ao mar, que soluça e lambe a praia, a Ondina,
Solto, ás brizas da noite, o aureo cabello, nua,
Pela praia passeia. A opalica neblina
Tem reflexos de prata á refração da lua.

Uma velha goleta encalhada, a bolina
Rôta, pompeia no ar a vela, que fluctua.
E, de onda em onda, o mar, soluçando em surdina,
Empola-se espumante, á praia vem, recúa...

E, surdindo da treva, um monstro negro, fito
O olhar na Ondina, avança, embargando-lhe o passo...
Ella tenta fugir, soffoca o choro, o grito...

Mas o mar, que, espreitando-a, as ondas avoluma,
Roja-se aos pés da Ondina e esconde-a no regaço,
Envolvendo-lhe o corpo em turbilhões de espuma.

X

PAIZAGEM.

Dorme sob o silencio o parqué. Com descanso,
Aos haustos, aspirando o finissimo extracto
Que evapora a verdura e que deleita o olfacto,
Pelas alas sem fim das arvores avança.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstracto
Em scismas, tristemente, um alvissimo ganço
Escorrega de manso, escorrega de manso
Pelo claro crystal do limpido regato.

Nenhuma ave sequer, sobre a macia alfombra,
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechã sob a nocturna sombra.

E enquanto o ganço vae, abstracto em scismas, pelas
Selvas a dentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céo camandulas de estrellas...

XI

VENUS

A Victor Silva

Branca e herculea, de pé, num bloco de Carrara,
Que lhe serve de throno, a formosa esculptura,
Venus, tumido o collo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara.

Um sopro, um quô de vida o genio lhe insuflára ;
E impassivel, de pé, mostra em toda a brancura,
Desde as linhas da face ao talhe da cintura,
A magestade real de uma belleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono
De Minerva marcial que pelo gladio arranca,
Julgo vel-a descer lentamente do throno,

E, na mesma attitude a que a insolencia a obriga,
Postar-se á minha frente, impassivel e branca,
Na regia perfeição da formosura antiga.

XII

SONHO AFRICANO

A João Ribeiro

Eil-o em sua choupana. . . A lampada, suspensa
Ao tecto, oscilla; a um canto, um velho e hervado fimbo.
Entrando, porta dentro, o sol forma-lhe um nimbo
Cor de cinábrio em torno á carapinha densa.

Estira-se no chão . . . Tanta fadiga e doença!
Espreguiça, boceja . . . O apagado cachimbo
Na bocca, nessa meia escuridão de limbo,
Molle, semicerrando os dubios olhos, pensa

Pensa na longe patria... As florestas gigantes
Se estendem, sob o azul, onde, cheios de magua,
Vivem negros pituns e enormes elephantes...

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquillos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se á tona d'agua,
Em compacto apertão, os velhos crocodillos...

XIII

MAHABARATA

Abie esse grande poema onde a imaginativa
De Vyasa, num fragor echoante de cascata,
Tantas façanhas conta, e dessa estrenua e diva
Progenie de Pandú tantas glorias relata !

Ora Kansa, a suprema encarnação do Siva,
Ora os suaves perfis de Krichna e de Virata
Perpassam, como heróes, numa onda reversiva,
Nas estrophes caudaes do grande Mahabarata.

Olha este incendio e pasma: aspecto bello e triste!
Caminha agora a passo este deserto areoso...
Por cima o céo immenso onde palpitam sóes...

Corre tudo, offegante, e, finalmente, assiste
Á ascensão de Iudhishthira ao suarga luminoso
E á apothéose final dos ultimos heroes.

XIV

RAINHA DAS AGUAS

A Alberto de Oliveira

Mar fóra, a rir, da bocca o fulgido thesouro
Mostrando, e sacudindo a farta cabelleira,
Corta a planura ao mar, que se desdobra inteira
Numa varina azul orladurada de ouro.

Rema, á pôpa, um tritão de escameo dorso louro ;
Vão á frente os delfins ; e, marchando em fileira,
Das ondas a seguir a luminosa esteira,
Vão cantando, a compasso, as piérides em coro.

Crespas, cantando em torno, as vagas, em surdina,
Lambem de pôpa á prôa o casco da varina
Que prosegue, mar fóra, a infinda róta, ufana . . .

E, no alto, o louro sol, que assoma, entre desmaios,
Saúda esse outro sol de coruscantes raios
Que orna a cabeça real da bella soberana.

INVERNO

A João Luso

Outr' ora, quanta vida e amor nestas formosas
Ribas! Quão verde e fresca esta planície, quando,
Debatendo-se no ar, os passaros, em bando,
O ar enchiam de sons e queixas mysteriosas!

Tudo era vida e amor. As arvores copiosas
Mexiam-se, de manso, ao resfolego brando
Da briza que passava em tudo derramando
O perfume subtil dos cravos e das rosas...

Mas veio o inverno; e vida e amor foram-se em breve...
O ar se encheu de rumor e de uivos desolados...
As arvores do campo, enroupadas de neve,

Sob o látigo atroz da invernã que corta,
São esqueletos que, de braços levantados,
Vão pedindo soccorro á primavera morta.

XVI

EM SONDA

Quieta, enrolada a um tronco, ameaçadora e hedionda,
A *boa* espia... Em cima estende-se a folhagem
Que um vento manso faz oscillar, de onda em onda,
Com a sua nocturna e amorosa bafagem.

Um luar mortiço banha a floresta de Sonda,
Desde a copa da faia á esplendida pastagem;
O ophidiano escondido, olhos abertos, sonda...
Vae passando, tranquillo, um bufalo selvagem.

Segue o bufalo, só... mas suspende-lhe o passo
O ophidiano cruel que o ataca de repente,
E que o prende, a silvar, com suas roscas de aço.

Tenta o pobre lutar; os chavelhos enresta;
Mas tomba de cansaço e morre... Tristemente
No alto se esconde a lua, e cala-se a floresta...

XVII

A CAÇADA

A Valentim Magalhães

Ao mirante gentil de construcção bizarra
Acabou de subir naquelle mesmo instante
Em que o seu noivo foi á caça; e, palpitante,
Lá fóra cuida ouvir os sons de uma fanfarra.

E, ao mesmo tempo ouvindo o selvagem descante
Que, entre as folhas, sibila a estridula cigarra,
Ella vae ler a carta onde o seu noivo narra
A dor que ha de soffrer quando estiver distante.

E dorme, vendo o sol que, atravez de uma escassa
Nuvem branca, illumina as ingremes encostas
Dos montes onde ondeja a matilha da caça ;

E, bem perto, ao rumor de trompas e ladridos,
O seu noivo gentil que, de espingarda ás costas,
Lhe offerta uma porção de passáros feridos...

XVIII

NO CAMPO

A Max Fleiuss

O olhar choroso sob as negras sobrancelhas,
Costas abaixo solta a negra trança basta,
A camponia vae guiando, a picadinhas d' hasta,
Um rebanho gentil de candidas ovelhas.

Uma junta de bois morosa, em meio á vasta
Nava, arrastando vae umas charrúas velhas...
E escutando o raspar monotono das rélhas,
Queda-se na planicie um grande boi, que pasta...

E some-se o rebanho. Uma sombra fluctuante
Paira sobre a extensão da planície, distante...
Na espessura a camponia esconde-se depois.

E, ao longe, sob o céu, como uma prece estranha
Que desperta a mudez do campo e da montanha,
Chora no ar o mugir dos fatigados bois.

XIX

NOCTURNO

Pesa o silencio sobre a terra. Por extenso
Caminho, passo a passo, o cortejo funereo
Se arrasta em direcção ao negro cemiterio...
Á frente, um vulto agita a caçoula do incenso.

E o cortejo caminha. Os cantos do psalterio
Ouvem-se. O morto vae numa rede suspenso ;
Uma mulher enxuga as lagrimas ao lenço ;
Chora no ar o rumor de um mysticismo aereo.

Uma ave canta ; o vento acorda. A ampla mortalha
Da noite se illumina ao resplendor da lua . . .
Uma estrige soluça ; a folhagem farfalha.

E enquanto paira no ar esse rumor das calmas .
Noites, acima delle, em silencio, fluctua
O Lausperenne mudo e supplice das almas.

XX

A NOITE

A Wenceslau de Queiroz

Um vento fresco e suave entre os pinhaes murmura;
A Noite, aos hombros solta a desgrenhada coma,
No seu plaustro de crepe, entre as nuvens, assoma...
Tornam-se o campo e o céo de uma cor mais escura.

Um novo aspecto em tudo. Um novo e bom aroma
De láthyros exhala a amplissima verdura.
Num hausto longo, a Noite, aos ares a frescura
Doce, entre-abrindo a flor dos negros labios, toma...

Por valles e rechãs caminha, passo a passo,
Attento o ouvido, á escuta... E no seu plaustro enorme
Cujo rumor desperta a placidez do espaço,

A' encantada região das estrellas se eleva...
E, ao ver que dorme o espaço e o mundo inteiro dorme,
Volve, quieta, de novo, á habitação da treva.

XXI

AURORA

Mensageira da luz, a briza corre. A aurora
Do seu leito real de tyro se levanta.
Toda a campina accorda em festa. Cada planta
Mostra o sorriso ideal da matutina flora.

Um cheiro doce e fresco a verdura evapora.
A araponga, afinando a matinal garganta,
Grita ; um passaro geme ; a patativa canta . . .
Todo o campo é uma orchestra harmonica e sonora.

Vara o diaphano véo da alvissima neblina
Uma setta de sol. E a floresta, a campina,
Ainda cheias de luz de um pallido arrebol,

Descortinam-se. E em pouco, a campina, a floresta,
Cheias do riso bom da natureza em festa,
Palpitam sob a luz fecundante do sol.

XXII

A UM POETA

Poeta, quando te leio, a angustia dolorida
Que te mina a existencia e que em teu peito impera,
Faz-me tambem soffrer, d'alma se me apodera,
Como se da minh'alma ella fosse nascida.

Sinto o que sentes : ora a lagrima sincera
Que foi pela saudade ou pelo amor vertida,
Ora a magua que habita em tua alma, — guarida
Onde a negra legião das maguas se agglomera...

Não ha nos versos teus um sentimento alheio
A' dor ; nelles se encontra a aspereza das fraguas ;
Ha nelles ora o suave e módulo gorgoio

Das aves, ora a queixa harmonica das aguas...
Leio os teus versos ; e, em minh'alma, quando os leio,
Vae gemendo, em surdina, a musica das maguas...

XXIII

A' NOITE

Eis-me a pensar, enquanto a noite envolve a terra ;
Olhos fitos no vacuo, a amiga penna em pouso.
Eis-me, pois, a pensar . . . De antro em antro, de serra
Em serra, echoa, longo, um *requiem* doloroso.

No alto uma estrella triste as palpebras descerra,
Lançando, noite dentro, o claro olhar piedoso.
A alma das sombras dorme; e pelos ares erra
Um morbido languor de calma e de repouso . . .

Em noite escura assim, de repouso e de calma,
E' que a alma vive e a dor exulta, ambas unidas,
A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...

E' que a alma se abandona ao sabor dos enganos,
Antegosando já chimeras presentidas
Que, mais tarde, hão - de vir com o decorrer dos annos.

XXIV

NATUREZA

Um continuo voejar de moscas e de abelhas
Agita os ares de um rumor de azas medrosas;
A Natureza ri pelas boccas vermelhas
Tanto das flores más como das boas rosas.

Por contraste, has-de ouvir em noites tenebrosas
O grito dos chacaes e o pranto das ovelhas;
Brados de desespero e phrases amorosas
Pronunciadas, a medo, á concha das orelhas...

O' Natureza, ó Mãe perfida ! tu, que crias,
Nã longa successão das noites e dos dias,
Tanto aborto, que se transforma e se renova,

Quando meu pobre corpo estiver sepultado,
Mãe ! transforma-o tambem num chorão recurvado
Para dar sombra fresca á minha propria cova.

XXV

ANGELUS

A Felinto d' Almeida

Desmaia a tarde. A pouco e pouco, no poente,
O sol, rei fatigado, em seu leito adormece ;
Uma ave canta, ao longe ; o ar pesado estremece
Do Angelus ao soluço agonico e plangente.

Psalmos cheios de dor, impregnados de prece,
Sobem da terra ao céu numa ascensão ardente.
E enquanto o vento chora e o crepusculo desce,
A Ave Maria vae cantando, tristemente.

Nest' hora, muita vez, em que falla a saudade
Pela bocca da noite e pelo som que passa,
Lausperenne de amor cuja magua me invade,

Desejo ser a noite, ebria e douda
De trevas, o silencio; a nuvem que esvoaça,
Ou fundir-me na luz e desfazer-me toda.

A UM ARTISTA

Mergulha o teu olhar de fino colorista
No azul; medita um poucò, e escreve; um nada quase;
Um trêcho só de prosa, uma estrophe, uma phrase
Que patenteie a mão de um requintado artista.

Escreve! Molha a penna, o leve estylo enrista!
Pinta um canto de céo, uma nuvem de gaze
Solta, brilhante ao sol; e que a alma se te vase
Na copia dessa luz que nos deslumbra a vista.

Escreve!... Um céu ostenta a matiz da celagem
Onde erra o sol, moroso, entre vapores brancos,
Irisando, ao de leve, o verde da paisagem...

Uma ave banha ao sol o esplendido plumacho...
Num recanto de bosque, a lambar os barrancos,
Espumeja em cachões uma cachoeira em baixo...

XXVII

MUSA IMPASSÍVEL

I

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Lucto jámais te afeie o candido semblante!
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho; e deante
De um morto, o mesmo olhar é sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lagrima; não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.
Celebra ora um phantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistichio d'ouro, a imagem attractiva;
A rima cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrophe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus barbaros ruidos,
Ora o aspero rumor de um calhão que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmores partidos.

II

O' Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao labio e as lagrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o impassivel mora.

Leva-me longe, ó Musa impassivel e branca!
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,
Onde, chammas lançando ao cortejo da aurora,
O aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos-Lares
Onde os Deuses pagãos vivem eternamente ;

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo,
Passarem, átravez das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróes do grande mundo antigo.

Numeros do Intermezzo

DE

HENRICH HEINE

I

Já te esqueceste, pois, inteiramente,
De que em melhores épocas da vida,

Teu coração, querida,

Me palpitou no coração ardente?

Teu coração de leve mariposa

Esvoaçante e terrena,

Tão pequeno e tão falso, que outra coisa

Não póde haver mais falsa e mais pequena?

E, de certo tambem já te esqueceste

Do pezar e do amor

Com que tu me prendeste

O coração num circulo de dor.

Pezar e amor! ambos me fazem doente;

Ambos me são do pranto

Incentivos fataes;

E não sei, entretanto,

Sé aquelle póde ser maior do que este,

Pois sei apenas que ambos, egualmente,

Ja são grandes de mais.

II

Meus cantos, cujo threno
Minh' alma escuta, amargurada e triste,
São repassados de lethal veneno :
De outra fôrma não póde ser, querida,
Porque tu espargiste
Sobre a modesta flor da minha vida
O orvalho do veneno.

Meus cantos, cujo threno

Qualquer sorriso em lagrimas transforma,

São repassados de lethal veneno ;

Não póde ser, emtanto, de outra fórma,

Porque, em meio das cousas mais singelas

Que tenho n' alma, agitam-se, frementes,

Implacaveis serpentes . . .

E tu, formosa amante, és uma dellas !

III

A noite é muda e triste. O espaço é triste e mudo.
E caminhando eu vou pela floresta espessa,

Rompendo a cerração.

As ramagens abalo, as arvores sacudo :
Ellas movem de leve a rórida cabeça,

Num ar de compaixão.

IV

Floresta afóra, além, no encontro das estradas,

Suicidas, sem descanso,

Agitam-se no horror das covas profanadas.

Perto, uma flor azul desabrocha de manso :

ão-lhe o nome de flor das almas condemnadas.

ta vez, eu 'lá fui. A noite estava fria ;

O espaço mudo estava.

beira de uma cova a flor azul tremia ;

E entre nuvens de crepe, a lua, que passava,

Derramava-lhe em torno a sua luz sombria.

O MERGULHADOR

(Idéa de Murger)

Querendo mais um astro em seu cabello, a clara Rainha assim fallou: "Desce ao mar e passeia Por esse amplo palacio onde canta a sereia, E traz-me lá do fundo a perola mais rara"

4

E o bom mergulhador, em busca do thesouro,
Desce, passeia o olhar pela amplidão marinha;
Acha a perola, e offerta-a á formosa rainha
Numa caixinha azul vermiculada de ouro.

O poeta é assim também : se teu capricho, instante,
Requer, Senhora, um verso, unicamente um verso,
Mas um verso perfeito, aureo, sonoro e terso,
Que diga a tua ideal formosura radiante,

Ao fundo da su' alma immaculada e santa,
Undoso plaino azul, vasto mar onde boia
O dourado palacio onde a sefeia canta,
Mergulha, e vae buscar á desejada joia.

AGUARELLA

Cheio de folhas, humido de orvalho,
Fresco, á beira de um córregó, crescia
Joven pé de roseira em cujo galho
Uma rosa sorria.

O orvalho matinal, que o beija e molha,
Desce de cima em brancas nevoas finas,
E todo o pé salpica, folha a folha,
De gottas pequeninas.

Beija-o o perfumeo zephyro que passa,
O grupo de phalenas que anda á tôa,
A borboleta clara que esvoaça,
E o passaro que vôa.

Uma moça gentil sentiu aneio
De possuir a rosa e teve magua
De não poder colhel-a, com receio
De molhar os pés n' agua.

A roseira agitou a coma opima,
Estremeceu, embriagada e douda,
Sob os raios do sol que lá de cima
A illuminavam toda.

A moça foi-se; o ar estava morno;
Mansamente o crepusculo descia;
Uma abelha zumbiu da rosa em torno;
Lento, expirava o dia . . .

Porém ness' hora a ventania brava
Que veio do alto impetuosamente,
Arranca a flor ao ramo em que se achava
E joga-a na corrente.

E a flor cahiu em meio do riacho ;
Do vento rijo foi soffrendo o açoite,
E escorregando em prantos, agua abaixo,
Na tristeza da noite.

Nenhuma flor poude salvar-lhe a vida ;
A' agua desceram entretanto algumas ;
E a flor morreu aos poucos, envolvida
Num circulo de espumas.

MÃE

Embora a magua a afflija e a sorte a opprima,
O seu amor, como celeste esmola,
E' um perfume subtil que se lhe evola
Do peito, e sobe deste mundo acima.

Com que ternura a sua voz me anima,
Quando, pelo meu rosto, o pranto rola !
Ninguem, como ella, a minha dor consola,
Ninguem, como ella, o meu pezar lastima.

Julgo-me só e chamo-a . . . ella não tarda :
Volta, acode-me, alegre ; e, num momento,
Desfaz a dor que o coração me enlucta.

Ella é a mais fiel, a mais constante guarda
Que, no meio da noite, o ouvido attento,
O meu suspiro entrecortado escuta.

DE CHRYSOSTOMO MEDJID

(Poeta turco contemporaneo)

Quando estiveres triste, ou quando presa
Estiveres de um mal que te afadiga,
Não é preciso que teu labio diga
Quaes as causas do mal ou da tristeza.

Se estiveres alegre, achando gosto
A tudo, alegre e sã, não é preciso
Que me contes a causa do sorriso
Que te poz um clarão em todo o rosto.

Olha-me só: e eu te direi se calma
Estás, ou se te affige algum receio...
Teu olhar é uma pagina onde leio
O que se passa dentro de tu' alma.

AMOR DESCOBERTO

(Do conde de Marcellus, poeta grego)

Quando molhei num beijo a face tua,
(Era já noite) Quem nos viu ness' hora?
Viu-nos a escura noite, a branca aurora,
A loura estrella e a prateada lua . . .

Baixou-se a estrella e disse-o ao mar, absorta ;
O mar ao remo, o remo ao marinheiro,
E este, alta noite, sob o nevoeiro,
Cantou-o, então, da sua noiva á porta.

A FLORISTA

Suspensa ao braço a grávida corbelha,
Segue a passo, tranquilla... O sol faisca...
Os seus carmineos labios de mourisca
Se abrem, sorrindo, numa flor vermelha.

Deita á sombra de uma arvore. Uma abelhá
Zumbe em torno ao cabaz... Uma ave, arisca,
Bem perto d'ella pelo chão lambisca,
Olhando-a, ás vezes, tremula, de esquelha...

Aos ouvidos lhe sôa um rumor brando
De folhas... Pouco a pouco, um leve somno
Lhe vae as grandes palpebras cerrando :..

Cae-lhe de um pé o rustico tamanco...
E assim descalça, mostra, em abandono,
O vultinho de um pé macio e branco.

INCONSOLAVEIS

Almas, porque choraes, se ninguem vos responde?
Almas, porque? Deixae as lagrimas! empós
Do Ideal correi, correi a longes plagas, onde
Não exista ninguem que escarneça de vós.

Lançaes o vosso olhar a longinquas paragens,
Bem distantes daqui, cheias de ideaes risonhos,
Onde as aves do amor, sacudindo as plumagens,
Passem cantando ao longe a musica dos sonhos...

A longes plagas onde estas miserias, todas
Não consigam deixar o minimo signal;
Paragens onde, em meio ás delirantes bodas
Dos sonhos e do amor, exhulte e cante o Ideal...

Mas não, almas! soltae a vossa queixa triste;
Contae ao mundo inteiro a vossa magua justa;
Essa terra do Ideal, ó almas, não existe:
Inventei-a sómente, e invental-a não custa.

Pobres almas, lançae em torno a vossa vista:
Sempre haveis de encontrar essa miseria atroz.
Almas; chorae, que embora esse paiz exista,
Nelle ha-de haver alguém que escarneça de vós.

PERFIDA

Disse-lhe o poeta : "Aqui, sob estes ramos,
Sob estas verdes laçarias bravas,
Ah! quantos beijos, tremula, me davas!
Ah! quantas horas de prazer passámos!

Foi aqui mesmo, — como tu me amavas!
Foi aqui, sob os flóridos recamos
Desta ramagem, que uma rede alçámos
Em que teu corpo, molle, repousavas.

Horas passava junto a ti, bem perto
De ti. Que goso então! Mas, pouco a pouco,
Todo esse amor calcaste sob os pés.”

“Mas, disse-lhe ella, quem és tu? De certo,
Essa mulher de quem tu fallas, louco,
Não, não sou eu, porque não sei quem és”...

DE JOELHOS

A' Santa Thereza

Reza de manso . . . Toda de roxo,
A vista no tecto preza,
Como que imita a tristeza
Daquelle cirio tremulo e frouxo . . .

E assim, mostrando todo o desgosto
Que sobre sua alma pesa,
Ella reza, reza, reza,
As mãos erguidas, pallido o rosto . . .

O rosto pallido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo,
Parece estar no Outro-Mundo
De outros mysterios e de outras vidas . .

Implora a Christo, seu Casto Esposo,
Numa prece ou num transporte,
O termo final da Morte,
Para descanso, para repouso . . .

Psalmos doridos, cantos aereos,
Melodiosos gorgeios
Roçam-lhe os ouvidos, cheios
De mysticimos e de mysterios . . .

Reza de manso, reza de manso,
Implorando ao Casto Esposo
A morte, para repouso,
Para socego, para descanso

D' alma e do corpo que se consomem,
Num desanimo profundo,
Ante as miserias do Mundo,
Ante as miserias tão baixas do Homem !

Quanta tristeza, quanto desgosto,
Mostra n' alma aberta e franca,
Quando fica, branca, branca,
As mãos erguidas, pallido o rosto . . .

O rosto pallido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo,
Parece estar no Outro-Mundo
De outros mysterios e de outras vidas . . .

DE VOLTA DA GUERRA

Aqui me vou... Quanta afflicção me invade!
Andando a passo, vagorosamente...
Que angustiosa, que intima saudade
Da minha gente!

O céu é negro, o passaredo mudo;
O ambiente que me envolve, tão pesado!
Como tudo está triste, como tudo
Tão transformado!

Esta estrada que sigo é longa e recta,
Pedregosa, sem fim e sem abrigo,
E eu caminho por ella, de muleta,
Como um mendigo.

Quando fui para a guerra, o sol nascia;
Fiquei com os olhos humidos de pranto;
Minha esposa, meus filhos nesse dia
Choraram tanto!

Abandonei a minha pobre terra;
E marchei, sem descanso e sem repouso,
Mas sentindo-me então, antes da guerra,
Victorioso.

Desci montanhas e galguei encostas,
Andei á margem dos despenhadeiros,
Avante sempre, de espingarda ás costas,
Com os companheiros.

Tive amarguras fundas e pezares,
Em companhia dos fieis soldados,
Sobre terras extranhas, sobre mares
Encapellados.

E parti para a guerra; mas a sorte
Pródiga e incerta, má e vacillante,
Poupou a minha vida expondo-a á morte
A todo instante.

A guerra durou 'annos; foi renhida;
Longa, tão longa, que a julguei eterna;
Uma bala, afinal passou, perdida,
Partiu-me a perna.

E aqui me vou por esta estrada recta,
Recta é longa, sem fim e sem abrigo,
Esfarrapado, fraco, de muleta,
Como um mendigo.

D. ALDA

(*Lied moderno*)

Hoje D. Alda madrugou. Ás costas
Solta a opulenta çabelleira de ouro,
Nos labios um sorriso de alegria,
Vae passear ao jardim; as flores, postas
Em longa fila, alegremente, em coro,
Saúdam-n'a: "Bom dia!"

D. Alda segue... Segue-a uma andorinha;
Com seus raios de luz o sol a banha;

E D. Alda caminha...

Uma porção de folhas a acompanha...
Caminha... Como um fulgido brilhante,
O seu olhar fulgura.

Mas — que cruel ! — ao dar um passo adeante,
Emquanto a barra do roupão sofralda,
Pisa um cravo gentil de lactea alvura !
E este, sob os seus pés, inda murmura :
"Obrigado, D. Alda."

A PRIMAVERA

Desponta clara a manhã;
Os passarinhos em bando
Cortam os ares, cantando
Numa alegria louçã.

A primavera deirama
Uma agradável frescura
Sobre a nascente verdura;
Dá côr ás flores na rama.

O ar festivo do arrebol
Dá-nos as bellas primicias
Das esplendidas caricias
Dos dias claros de sol.

Nasce a rosa ; brota a espiga ;
O boi vae para o trabalho ;
A abelha, de galho em galho,
De grão em grão, a formiga.

A linda e fresca estação
Vae afugentando em cima
A nuvem que se approxima
Como densa cerração.

De pé, em meio á pastagem,
O zagal saúda a aurora
Com a harmonia sonora
Da sua flauta selvagem.

Vaccas, que estão a pastar,
Em grupos, pelas campinas,
Respiram pelas narinas
A doce frescura do ar.

Camponios, mal nasce o dia,
Com as enxadas ás costas,
Lá vem descendo as encostas
Para as labutas do dia.

Já despontou a manhã ;
Os passarinhos em bando
Cortam os ares, cantando
Numa alegria louçã.

A UMA CRIANÇA

(Imitação de Hugo)

*Vous, qui ne savez pas combien l'enfance est belle,
Enfant! n'enviez point notre age de douleurs...*

Victor Hugo

Choras, criança, mas chorar não deves;
Entre a velhice e as tuas horas leves
E' pequena a distancia;
Choras debalde; choras,
Porque não sabes, flor, quanto são breves
Da humana vida as horas,
Porque não sabes quanto é bella a infancia!

Tu, cuja vida é um suave paraíso
 Adornado de flores,
Da nossa vida misera, de dores
 Amargas e revezes,
Nunca invejes o jubilo indeciso,
Porque teu pranto é menos triste, ás vezes,
 Do que o nosso sorriso.
 Os teus dias são rosas
Que vicejam, alegres e radiosas,
Nessas tuas manhãs de eternas galas ;
Nunca as desfolhes, gárrula creança ;
 Deixa-as em paz, descança,
Deixa que o tempo venha desfolhal-as.

MUDEZ

Já rumores não ha ; não ha ; calou-se
Tudo. Um silencio deleitoso e morno
 Vae-se espalhando em torno
A's folhagens tranquillias do pomar.

Torna-se o vento cada vez mais doce...
Silencio... Ouve-se apenas o gemido
De um pequenino passaro perdido
Que inda espaneja as suas azas no ar.

Ouve-me, amiga, este é o silencio, o grande
Silencio, o rei das trevas e da calma,
Onde, ás vezes, noss' alma,
Penetrada de maguas e de dor,
Se dilata, se expande,
E seus segredos intimos mergulha . . .
Prolonga-se a mudez : nenhuma bulha ;
Já se não ouve o minimo rumor.

Esta é a mudez, esta é a mudez que falla
(Não aos ouvidos, não, porque os ouvidos
Não conseguem ouvir esses gemidos
Que ella derrama, á noite, sobre nós)
A' alma de quem se embala
Numa saudade mystica e tranquilla . . .
Nossa alma apenas é que póde ouvil-a,
E que consegue perceber-lhe a voz.

Escuta a queixa tacita e celeste.
Que este silencio falla a ti, tão triste . . .
E has-de lembrar o dia em que tu viste
Perto de ti, pela primeira vez,

Alguem a quem disseste

Uma phrase de amor, de amor... ó louca!

E que, ño emtanto, só mostrou na bocca

A mais brutal e ironica mudez!

PRANTO DE LUAR

No longo espasmo do silencio, alegre e franca,
A alma dos ventos, ao luar, murmura e falla ;
A sombra corre, e tu, lua formosa e branca,
Derramas pelo chão claras manchas de opala.

Eras mortas de amor ! Ah ! quem te dera tel-as !
Cessaria, de novo, o teu soluço afficto !
Eras em que, tremula, a sós, sob as estrellas,
Tu passavas com elle atravez do infinito . . .

Mas uma noite, o espaço todo ornado em festa,
Teu esposo partiu, emfim . . . (Quanto desgosto !)
E dessa desventura extrema ainda te resta
A grande pallidez que te illumina o rosto.

Partiu . . . Talvez que volte aos lares . . . Mas, enquanto
Elle não volta, em vão o esperas nessa trilha ;
Ficas pallida e triste, e choras ; o teu pranto
Desce á terra e, ao descer, torna-se luz e brilha.

Chora, infeliz. O pranto as maguas attenúa.
Sempre fiel, nunca te cances de chorar.
Se não chorasses, não teríamos, ó lua,
A poesia sem fim das noites de luar.

NOITE DE INVERNO

Nunca vi noite como esta agora :
Ai ! como é negra, como é sombria . . .
Fechae as portas á ventania
Que vem de fóra.

Passa a rajada cortante e fria ;
Correm de brumas compridas levas ;
Que noite escura ! brumas e trevas . . .
Ave, Maria !

Inquiro as sombras, o ouvido aguço,
E ouço, medrosa, de quando em quando,
Um como choro tremulo e brando
 Como um soluço.

Ai! que pungente pensar que um bando
De pobresinhas creanças nuas,
Corre nest' hora ruas e ruas
 Choramigando.

E eu tenho leitos, boas flanellas,
Fogão acceso, carne em tressalhos:
Ai! se eu pudesse dar agasalhos,
 A todas ellas!

E tenho sustos, o frio corta;
Quero as janellas muito fechadas;
Vejo phantasmas, ouço pancadas
 Ferindo a porta.

Genios nocturnos, em negro bando,
Calmos e tristes sob as rajadas,
Andam, de certo, pelas estradas
Somnambulando.

BALLADA

“Eu vou partir. A noite já desmaia.
Parto; por isso, candida princeza,
Venho beijar as mãos á Vossa Alteza...
Botes e náus esperam-me na praia.

Tenho, de certo, de soffrer azares,
Dores soffrer; mas hei-de, com denodo,
Pugnas vencer e conquistar de todo
Terras extranhas e remotos mares...

Não sei se morrerei; mas se, princeza,
Atravez de procellas e de escolhos,
A negra morte me fechar os olhos,
Eu morrerei pensando em Vossa Alteza.

“Mas, forçoso é partir; adeus, senhora...”

“Conde, adeus...” murmurou, baixando a fronte.

A, noite desmaiava. No horisonte
Já se movia o sequito da aurora.

E ella, a princeza, immersa num lethargo,
Ficou olhando a vastidão do oceano.

Rompeu, emfim, o sol. E, a todo o panno,
A aventureira não se fez ao largo...

VIDA

Genero triste de comedia, a Vida :
Dividida em dois actos ou dois tomos,
Onde comparsas mais ou menos somos
Desde o primeiro ponto de partida.

Feliz daquelle que na mão erguida
Mostra do goso os sazoados pomos :
Desses não fui, não foste e nunca fomos . . .
Pobre de mim, pobre de nós, querida !

Mas nem sempre se chora, orphã ou viuva ;
Rimo-nos, sem que nada nos contenha . . .
E' uma restia de sol depois da chuva.

Prolonguemos assim essas tão puras
Alegrias, até que a morte venha
Cortar o fio ás nossas amarguras.

INVERNO

Inverno. A neve fluctua,
Cae sobre tudo e se espalha,
Como uma branca toalha
Sobre a estrada immensa e nua.

O vento causa arrepio
Aos médrosos passarinhos,
Que se encolhem em seus ninhos
Desesperados de frio.

O vento assovia e chora ;
Ha como um coro de maguas
No borborinho das aguas
Que descem campina fóra..

Mata a neve cada arbusto,
Rola dos ares, desfolha
As arvores, folha a folha,
Que se arrepiam de susto.

No céo ha nuvens sombrias ;
As roseiras das estradas
Estão todas desgalhadas
A' furia das ventanias.

O inverno é feio e inclemente ;
Um velho mastim vadio
Todo transido de frio
Uiva ao céo sinistramente.

Não ha calor nem conforto;
Não ha rumor nem gorgueio;
Tudo parece tão feio!
Parece que tudo é morto!

De neve tudo coberto;
Os ventós correm, ás doudas;
Das quatro estações, de todas,
O inverno é a peor de certo.

A neve desce, fluctua,
Cae sobre tudo e se espalha
Como uma branca toalha
Sobre a estrada immensa e nua.

AS DUAS IRMÃS

Vem a primeira e falla-lhe em segredo :
" Amiga, vê, (nem sei como isto conte !)
Como correm as aguas desta fonte :
Tal corre a vida, e acaba-se tão cedo !

Ama, pois !" A segunda, em cuja fronte
Brilha um raio de luz, murmura, a medo,
Apontando-lhé o chão. "Este é o degraço
Perpetuo e atroz do teu amor insonte.

Contudo, espera." E somem-se a Esperança
E a Saudade. E ella fica, como douda,
A olhar o rasto dessas deusas bellas...

E ella fica esperando-as. Cança, cança
De esperal-as assim, a vida toda,
Sem jamais receber noticias dellas!

CALME DE LA MER

(*Lied de Gœthe*)

I

Tranquillo, o mar não canta nem ondeia;
O nauta, immerso n'outro mar de maguas,
Os olhos tristes e humidos passeia
Pela tranquilla quietação das aguas.

A onda que dorme quieta, não espuma;
O austro que sonha placido, não canta;
E em todo o vasto mar, em parte alguma,
A mais pequena vaga se levanta.

LIED CICILIEN

(*De Gœthe*)

II

Olhos! que ateaes os corações e a guerra,
Olhos, quando piscaes, olhos de brazas,
Muralhas abalroam, caem casas,
E enormes paredões rolam por terra!

Assim, a um golpe rapido de vista,
Esta debil e tremula muralha,
Dentro da qual meu coração trabalha,
Como quereis, dizei-me, que resista?

ALMA E DESTINO

Alma do homem, como te assemelhas á onda! Destino do homem, como te assemelhas ao vento!

Goethe

A alma do homem é como a onda, que erra
Sempre, espumosa ou liza, ao vento afeita;
Vem do céo, sóbe ao céo e desce á terra,
Segundo a lei a que nasceu sujeita;

Contra o vento que chega, se revolta;
Ergue-se, espuma, do alto se despenha;
O vento que o açomou, passa e não volta...
E a onda espera que outro vento venha...

Vem outro... mais feroz e mais violento...

Ella cresce de novo e se arredonda...

Alma do homem, como és igual á onda!

Como és igual, destino humano, ao vento!

O RIBEIRINHO

À Olavo Bilac

O arroio fresco, em remanso,
De curva em curva, em marulhos,
Num leito de pedregulhos
Escorregava de manso

Em quedas lentas e bolhas
Sob a arqueada galeria
Da folhagem, que o cobria
Com um tecto verde de folhas.

E bocejava de somno
Entre a douda garridice
Dos roseirae da planice,
Num descansado abandono.

Valle abaixo, sem esforço,
Folhas levava e raizes,
Como embarcações felizes
Que lhe singravam o dorso.

A' tarde, em vôo ligeiro
Vinhã, as azas rufando,
Os passarinhos em bando
Beber d'agua do ribeiro.

Assim vivia o riacho,
Dando de beber ás aves,
Descendo em giros suaves
Campos e valles abaixo.

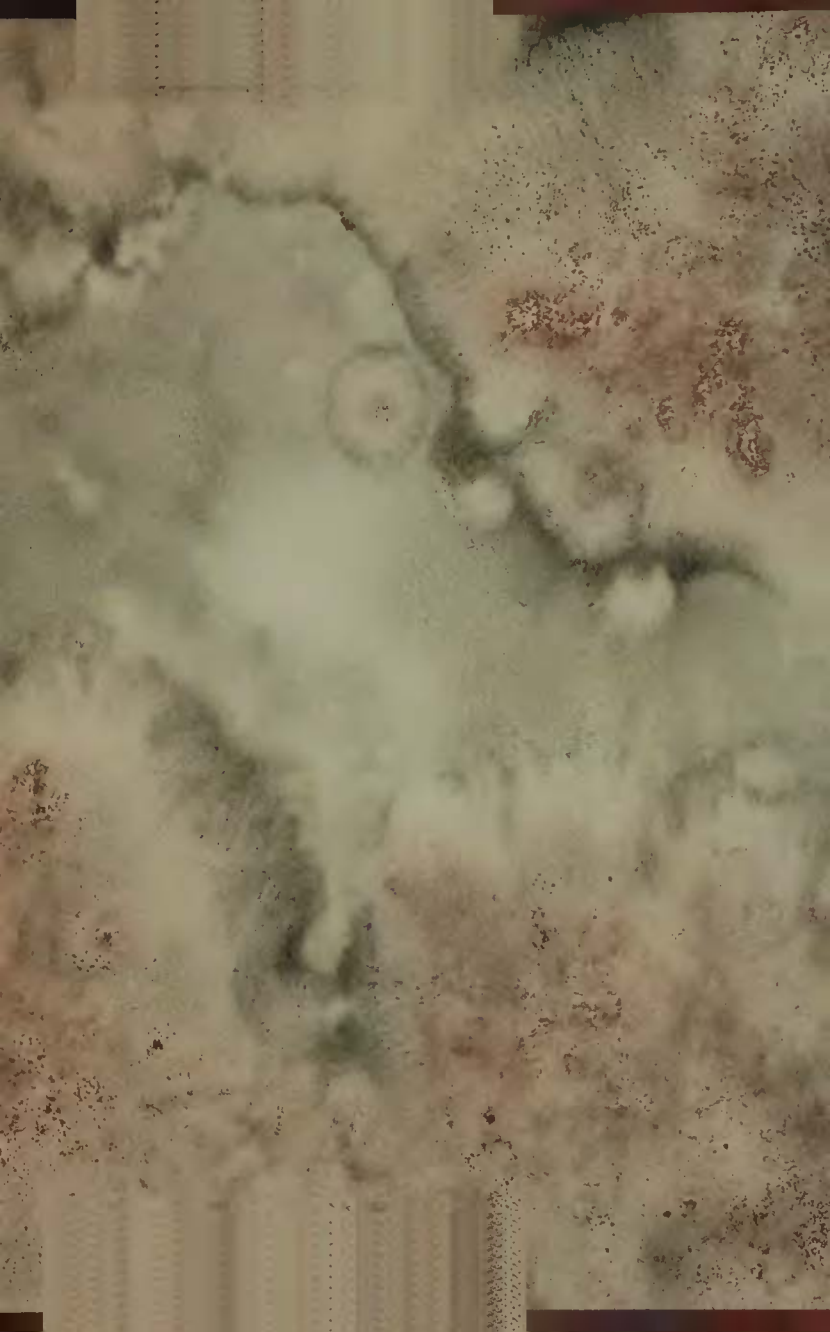
Mas chorava a todo o instante,
Tinha desgostos e maguas
Por não possuir tantas aguas
Como um affluente gigante.

Queria ser como os rios
De grossas aguas redondas,
Que podem erguer nas ondas
Embarcações e navios ;

Ser um rio soberano
Que terras alaga, invade,
E em noites de tempestade
Tem vagalhões de oceano.

E penetrado de dor,
Soltando queixas e maguas,
Vae levando suas aguas
Pelas campinas em flor.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).